

Fita de Möbius e fractal: aproximações entre representações sociais e narrativas

Möbius band and fractal: approximations between social representations and narratives

Adelina NOVAES¹

Maria da Conceição PASSEGGI²

Resumo

Com base na premissa de que o núcleo central de uma representação social é uma narrativa, recorremos aos estudos de Jerome Bruner e de Serge Moscovici para pensar alternativas que favoreçam mudanças de representações sociais na formação docente. Propomos uma reflexão sobre as imagens do *fractal* e da fita de Möbius como metáforas para ilustrar como entendemos as narrativas enquanto uma unidade no núcleo de uma representação social, admitindo que elas são a um só tempo constitutivas de representações sociais e constituídas por elas. Nesse sentido, o recurso às narrativas como modalidade de intervenção na formação docente permitiria, simultaneamente, operar mudanças de representações sociais e promover a ressignificação de práticas pedagógicas.

Palavras-chave: Narrativas. Representações Sociais. Formação Docente.

Abstract

Based on the premise that the central core of a social representation is a narrative, we turn to the studies of Jerome Bruner and Serge Moscovici to think of alternatives that favor changes in social representations in teacher education. We propose a reflection on the images of the fractal and the Möbius strip as metaphors to illustrate how we understand narratives as a unit at the core of a social representation, admitting that they are at the same time constitutive of social representations constituted by them. In this sense, the use of narratives as a modality of intervention in teacher education would simultaneously allow changes in social representations and the re-signification of pedagogical practices.

Keywords: Narrative. Social Representations. Teacher Education.

1 Pesquisadora da Fundação Carlos Chagas e docente da Universidade Cidade de São Paulo. E-mail: adelnovaes@gmail.com.

2 Docente da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e da Universidade Cidade de São Paulo. E-mail: mariapasseggi@gmail.com.

Introdução

Muitos estudos em Educação, sobretudo no âmbito brasileiro³, têm recorrido às contribuições da Teoria das Representações Sociais (TRS) para investigar simbolizações, significações e práticas sociais em contextos educacionais. A TRS, com pouco mais de meio século, oferece um instrumental profícuo para as pesquisas que buscam compreender o conhecimento construído no cotidiano, nas múltiplas dimensões que compõem universos psicossociais. Desde a obra seminal de Serge Moscovici, “*La Psychanalyse, son image et son public*”, publicada em 1961, a TRS avançou e construiu um aparato teórico-conceitual que pode ser identificado a partir de variados enfoques.

Neste texto, buscamos expor uma reflexão em andamento (PASSEGGI; NOVAES, 2018), que se desenvolve numa parceria entre as pesquisas desenvolvidas no Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade – Educação (CIERS-ed), do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas, e as pesquisas realizadas pelo Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, Autobiografia, Representações e Subjetividades (GRIFARS-UFRN-CNPq), com destaque para aquelas que se estruturam em torno de narrativas e representações sociais (PASSEGGI, 2003a, 2003b, 2009). Com base nesses estudos é que abraçamos o desafio de nos acerrar do que propõe Jovchelovitch (2014) quando articula múltiplas abordagens da TRS para sustentar que o núcleo central de uma representação social é uma narrativa. Nosso interesse, para além das implicações teóricas, é pensar como a compreensão da autora sobre o fenômeno representacional pode contribuir para os estudos relacionados à formação docente.

Representações sociais e narrativas: fita de Möbius e fractal?

O núcleo central de uma representação social é uma narrativa. Essa é a tese de Jovchelovitch (2020) que instiga novos debates acadêmicos no âmbito da TRS. A autora, no artigo publicado neste periódico⁴, ao lançar mão de distintos resultados de pesquisa, defende que uma representação social é uma narrativa,

3 Destacamos os trabalhos desenvolvidos pelos 40 grupos de pesquisa associados ao Centro Internacional de Estudos em Representações Sociais e Subjetividade – Educação (CIERS-ed), do Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas.

4 O artigo decorre da palestra que ministrou na 12ª Conferência Internacional sobre Representações Sociais, realizada em São Paulo, em 23 de julho de 2014.

arraigada historicamente, que carrega em seu enredo o conteúdo semiótico dos *themata* e que opera por meio do poder normativo de um metassistema.

Ao transitar com propriedade pelas perspectivas processual, dialógica e estrutural da TRS, Jovchelovitch busca demonstrar como a subjetividade, o tempo histórico e a comunicação se inscrevem na organização interna das representações sociais, instigando uma discussão sobre o papel do núcleo central das representações nos processos de continuidade e mudança em ideias e esferas públicas. Sugere uma perspectiva sociogenética para o estudo do núcleo central e tenta elucidar como a organização sociocognitiva dos campos representacionais é formada ao mesmo tempo em que dá forma à continuidade e à mudança em esferas públicas.

Jodelet (2001, 2005, 2017), Passeggi (2003a, 2003b, 2009), Seidmann (2016), Andrade e Teibel (2016) e Jovchelovitch (2012), ao articularem em seus estudos representações sociais e narrativas, com base em pesquisas empíricas e reflexões teóricas, apresentam elementos consistentes para a sustentação da assertiva de que narrativas são expressões de representações sociais. No entanto, Jovchelovitch (2014) focaliza em sua tese que as representações decorrem de narrativas.

Nós recorremos, metaforicamente, às imagens da fita de Möbius⁵ e à dos fractais para ilustrar como entendemos as narrativas enquanto unidade no núcleo de uma representação social. Como se sabe, essas imagens ultrapassaram os limites da matemática e inspiram clássicas teorias psicológicas e sociais. Essas metáforas visuais (NOVAES, 2010) nos ajudarão a melhor estabelecer as relações entre representações sociais e narrativa, e a responder às seguintes perguntas: uma narrativa veicula representações sociais ou uma representação social decorre de uma narrativa? Fita de Möbius e fractal?

Grosso modo, a fita de Möbius⁶ é obtida pela colagem das duas extremidades de uma fita depois de se fazer a meia volta em uma delas. Trata-se de um espaço topológico que permite formalizar os conceitos de conexidade, continuidade, convergência. Daí o seu uso como recurso visual para representar o movimento de circulação infinita e a discussão acerca da indissociabilidade de duas faces de um objeto, sem perder suas características. *A fita de Möbius simbolizaria relações cíclicas de conexidade entre narrativa e representações sociais.*

5 No que concerne à nossa parceria, destacamos que a fita de Möbius é símbolo do GRIFARS-UFRN-CNPq e da Coleção Pesquisa (Auto)biográfica ∞ Educação, publicada pela Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (EDUFRN).

6 A fita recebeu o nome de seu mais célebre estudioso: August Ferdinand Möbius (1790-1868).

Por seu turno, um fractal é uma estrutura geométrica complexa cujas propriedades, em geral, repetem-se em qualquer escala. De modo que, ao se dividir um fractal em partes, cada uma das partes será semelhante ao objeto original. *Com essa imagem, ilustramos que o núcleo de uma representação social é uma narrativa e que a narrativa, em maior escala, é composta por representações sociais.*

A noção de canônico como elo entre representações sociais e narrativas

Para Jovchelovitch (2012), as narrativas são uma das principais formas discursivas que operam nas representações sociais. Por essa razão, o núcleo central de uma representação social se (re)estrutura com certa plasticidade, uma vez que, para a autora, as narrativas “são instrumentos comunicativos mediando perspectivas” (JOVCHELOVITCH, 2014, p. 6). O que nos permite sugerir como hipótese de trabalho que os processos de mudança se operacionalizariam em função de perspectivas, por vezes, contraditórias, ou seja, entre a versão canônica de uma narrativa (tradicional, legitimada, preponderante) e versões emergentes ou latentes que contradizem o canônico. Num sentido processual e dialógico da TRS, as tensões entre essas perspectivas líquidas, moventes, devem-se à entrada em cena da subjetividade (NOVAES, 2015), do tempo histórico e da comunicação, que se inscrevem na organização interna das representações sociais e na própria natureza da linguagem constitutiva das representações sociais.

Para tecer aproximações com a premissa de Jovchelovitch (2014) e posteriormente discutir o processo de ressignificação das representações sociais, mostrou-se inevitável estabelecer relações entre a concepção de narrativa na Psicologia Cultural de Jerome Bruner (1997, 2008, 2014), a orientação narrativista em Psicologia de orientação sociocultural, defendida por Brockmeier e Harré (2003), e o conceito de representações sociais, da Psicologia Social de Serge Moscovici (1961, 1978, 2012). O que há em comum entre essas orientações de pesquisa é a centralidade da linguagem como instituição social na constituição do pensamento, da subjetividade e na atribuição de sentidos da ação humana no mundo da vida.

Para Brockmeier e Harré (2003), a narrativa funciona como um modelo especialmente flexível, pois opera como modo de mediação extremamente mutável entre o indivíduo e o padrão generalizado da cultura. “Vistas dessa maneira, as narrativas são ao mesmo tempo modelos do mundo e modelos do *self*” (BROCKMEIER; HARRÉ, 2003, p. 533). Para Bruner (2014), toda narrativa é antes de tudo um ato de linguagem, e a criação do eu é um ato narrativo, perspectivando o universo em que vive. Para Moscovici, a realidade subjetiva e a

realidade compartilhada na experiência social se produzem simultaneamente na linguagem e pela linguagem.

Os pontos de convergência entre esses autores nos motivam a focalizar o olhar no objetivo proposto para este estudo: compreender a possibilidade de uma narrativa operar na organização e mudança das representações sociais e, por conseguinte, contribuir para a formação docente. A via de análise será o constructo de canônico, uma vez que, com base na cultura, Bruner (2008, p. 54) nomeou a narrativa como princípio organizador de saberes, edificando-se “à volta das expectativas estabelecidas ou canônicas e a gestão mental dos desvios de tais expectativas”.

Pelas narrativas, os significados compartilhados no interior de uma cultura, que também poderiam ser nomeados de representações sociais, atuam como orientadores da ação humana para dar sentido ao que acontece. Esses significados partilhados configuram padrões numa dimensão normativa, permitindo que os sujeitos sociais experienciem o canônico. Significa dizer que, no plano cognitivo, o canônico resulta do saber do senso comum e, no plano da ação, ele é autoexplicativo e convencional, já que não há necessidade de se perguntar por que as pessoas, geralmente, se comportam de acordo com o esperado.

Significa ainda dizer que a concepção de canônico em Bruner (1997, 2008) indica um dos mecanismos psicológicos básicos para a elaboração de saberes elaborados pelos grupos sociais e culturais, e para esses grupos. Por meio das gramáticas das narrativas, os sujeitos interpretam e dão sentido às suas relações com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Nos termos de Moscovici, eles constroem representações sociais. Desse modo, como defendido por Jovchelovitch (2014), enquanto organização de saberes, a narrativa é passível de conferir unidade ao núcleo central de uma representação social⁷.

Por outro lado, destacamos que a normatividade do canônico, longe de se configurar como determinação, caracteriza-se como uma resistência às mudanças, mas não é imune a elas. Adotando a perspectiva de Bruner (1997, p. 50), diremos que a função social de uma narrativa “é encontrar um estado intencional que atenua ou pelo menos torne compreensível um afastamento do padrão cultural canônico”.

Em síntese, quando algum acontecimento foge aos padrões canônicos, os sujeitos sociais são impelidos a elaborar uma narrativa, em busca de consensualidade e lógica. Nesse processo, a subjetividade, a dialogicidade e o tempo histórico lideram e orientam seja a permanência, seja a mudança das representações sociais.

7 Tal afirmação redundante em problemática acerca dos processos de objetivação e ancoragem (MOSCOVICI, 1961, 1978, 2012), o que ultrapassa os limites deste texto.

Narrativas e promoção de mudança das representações: elementos teóricos para a formação docente

Uma das questões centrais da TRS (MOSCOVICI, 1961, 1978, 2012; MARKOVÁ, 2017a, 2017b) consiste em compreender como o tempo histórico e a comunicação se inscrevem na organização interna das representações sociais. Em outros termos, refere-se à busca pela origem de uma representação social, o que gera mudanças, ou ainda, por que algumas representações desaparecem e outras sobrevivem inalteradas.

A tradição das pesquisas em representações sociais as toma como um sistema de conhecimentos socialmente elaborados e partilhados que orientam, transformam ou estabilizam as ações. Daí a importância de investigar seu *status* dinâmico, ou seja, o “de uma produção de comportamentos e relações com o meio, o de *uma ação* que modifica uns e outros, e não de uma reprodução” (MOSCOVICI; NEMETH, 1974, p. 48).

Nessa direção, Jovchelovitch (2020) propõe em seu artigo uma perspectiva sociogenética para o estudo do núcleo central e tenta elucidar como a organização sociocognitiva dos campos representacionais é formada e ao mesmo tempo dá forma à continuidade e à mudança. Ela sugere que a identificação de padrões e de invariância em processos ontogênicos e sociogênicos é condição para o processo de elaboração e de superação das representações. Nas palavras da autora,

Esse edifício conceitual sugere uma teoria sociogenética do núcleo central: ele é organizado como uma estória que recruta seu poder semiótico de *thematias* e opera como um metassistema regulando identidade, relações inter-grupais e práticas institucionais. (JOVCHELOVITCH, 2014, p. 21).

A formação docente, pensada numa perspectiva crítica, permitiria (re)situar as pesquisas em representações sociais no campo da educação e contribuir para elucidar como a organização sociocognitiva das representações é formada ao mesmo tempo em que dá forma à continuidade e à mudança em esferas públicas, tal como sugerido por Jovchelovitch (2014).

Para Passeggi (2003a), a formação de professores constitui uma forma de intervenção, visto que tem o propósito de provocar mudanças, consideradas desejáveis para a profissionalização e a profissionalidade docentes. Nesse sentido, para a autora, trata-se de uma intervenção deliberada, ou *intencional*, fundamentada em aportes teóricos e procedimentos de ajustes ao contexto de intervenção. Entendemos que, de um modo geral, a ação interventiva baseia-se na possibilidade de (auto)regulação, seja do organismo, seja das condutas

personais ou sociais, na direção do seu aprimoramento. Esse lado diretivo deixa na sombra, ou oculta, o poder de ações “involuntárias” ou espontâneas, que também provocam mudanças sem intenção explícita. Passegi (2003a) denomina essa segunda forma de *intervenção incidental*, embora prefira recorrer ao conceito de *mediação*, proposto por Vigotski (1989) para designar os dois tipos de intervenção: a *intencional* e a *incidental*, igualmente importantes, no contexto da formação de professores. A mediação é, portanto, estudada com base numa ação de linguagem (mediação instrumental) e da interação social (mediação social), em atividades cotidianas, lúdicas, educativas ou de trabalho. Nessas situações, sócio-historicamente situadas, as pessoas estabelecem relações com os objetos de conhecimento, ou seja, aprendem, desenvolvem-se, (re)constróem saberes do senso comum, práticos e/ou científicos, elaborados pela sociedade. Para a autora (PASSEGGI, 2003a, p. 9), “levada ao extremo, a noção de mediação admite que toda (inter)ação humana implica formas de intervenção (intencional ou incidental) com consequências psicossociais para os sujeitos que dela participam”.

Uma síntese possível

Se, para Moscovici (1997, p. 5), a educação é uma prática complexa, frequente e impossível, o conceito bruneriano de narrativas canônicas permite (re)pensar a formação docente com base em narrativas da experiência como uma modalidade de intervenção, suscetível de promover mudanças nas representações sociais, uma vez que a narrativa é capaz de gerir desvios normativos, permitindo representações novas ou renovadas.

Isso ocorre porque, ao elaborar uma história, damos sentido aos acontecimentos, recorrendo a variados cenários, temas, ações, intrigas, personagens, imagens, tonalidades emocionais e complexidades de estruturas. Nos termos de Jovchelovitch (2014), a mediação, inscrevendo-se na organização interna das representações sociais, poderia provocar uma mudança efetiva e duradoura, que agiria no núcleo central, operando como narrativa. É esse lado mais abrangente da mediação que nos permite considerar, no âmbito da formação docente, as narrativas e a interação entre pares como espaços mediadores de mudança das representações sociais.

Em síntese, as narrativas, à imagem do *fractal*, constituem unidade no núcleo de uma representação social e são a um só tempo constituídas por representações sociais. Por outro lado, à imagem da fita de Möbius, é na linguagem e pela linguagem que narrativas e representações sociais se conectam e se tornam indissociáveis. Em uma arquitetura imagética, concebemos uma fusão entre as duas metáforas, a do fractal e a da fita de Möbius: o recurso às narrativas como

mediação na formação docente permitiria a um só tempo operar mudanças de representações e promover inovação na elaboração de narrativas profissionais, isso porque quando uma representação social se transforma, a narrativa será necessariamente outra.

Referências

ANDRADE, Daniela Barros da Silva Freire; TEIBEL, Érica Nayla Harrich. BINJE: A contação da narrativa como suporte para a significação da pediatria. In: PASSEGGI, M. C.; FURLANETTO, E. C.; PALMA, R. C. D. (Org.). **Pesquisa (auto)biográfica, infâncias, escola e diálogos intergeracionais**. Curitiba: CRV, 2016. v. 1, p. 247-264.

BROCKMEIER, Jens; HARRÉ, Rom. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 525-535, 2003.

BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

BRUNER, Jerome. **Actos de significado**. Tradução de Vanda Prazeres. Lisboa: Edições 70, 2008.

BRUNER, Jerome. **Fabricando histórias: Direito, Literatura e Vida**. Tradução de Fernando L. Cássio. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

JODELET, Denise. **Loucuras e representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 2005. 391 p.

JODELET, Denise. **Representações sociais e mundos de vida**. Tradução de Lilian Ulup. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Curitiba: PUCPress, 2017.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Narrative, memory and social representations: a conversation between history and social psychology. **Integrative Psychological and Behavioural Science**, n. 46, p. 440-456, 2012. DOI 10.1007/s12124-012-9217-8.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Uma abordagem sócio-genética do núcleo central das representações sociais: o caso da esfera pública brasileira. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, 12., 23 jul. 2014, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2014. Conferência ministrada.

JOVCHELOVITCH, S. Uma abordagem sociogenética do núcleo central das representações sociais: o caso da esfera pública brasileira. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, v. 29, jan./dez. 2020.

MARKOVÁ, Ivana. **A mente dialógica**. Senso comum e ética. Tradução de Lilian Ulup. São Paulo: Fundação Carlos Chagas; Curitiba: PUCPress, 2017a.

MARKOVÁ, Ivana. A fabricação da teoria de representações sociais. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 47, n. 163, p. 358-375, mar. 2017b. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742017000100358&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 29 mar. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/198053143760>.

MOSCOVICI, Serge. **La psychanalyse, son image et son public**. Paris: PUF, 1961.

MOSCOVICI, Serge. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MOSCOVICI, Serge. Préface. In: MONTEIL, Jean-Marc. **Éduquer et former: Perspectives psycho-sociales**. Grenoble: PUG, 1997.

MOSCOVICI, Serge. **A psicanálise, sua imagem e seu público**. Tradução de Sonia Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MOSCOVICI, Serge; NEMETH, Charlan Jeanne. Minority influence. In: NEMETH, Charlan Jeanne (Org.). **Social psychology: classic and contemporary integrations**. Chicago: Rand McNally, 1974. p. 217-250.

NOVAES, Adelina. **Por uma análise psicossocial do curso de direito**. 2010. 248 f. Tese (Doutorado) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15946/1/Adelina%20de%20Oliveira%20Novaes.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2020.

NOVAES, Adelina. Subjetividade social docente: elementos para um debate sobre “políticas de subjetividade”. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 45, n. 156, p. 328-343, jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742015000200328&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 29 mar. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/198053143205>.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Teoria das representações sociais e narrativa autobiográfica: Pensando formas de pesquisa e intervenção. In: ENCONTRO EM REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, 5., 2003, Natal. **Anais...** Natal: Cartgraf, 2003a. p. 9-16.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Representações sociais da escrita. Uma abordagem processual. In: CARVALHO, Maria do Rosário de; PASSEGGI, Maria da Conceição; DOMINGOS SOBRINHO, Moisés (Org.). **Representações Sociais**. Mossoró, RN: Fundação Guimarães Duque, 2003b. p. 45-59.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Le 'mémorial de formation', parcours de vie et symbolisation du travail biographique. In: DELORY-MOMBERGER, C. Christine; SOUZA, Elizeu Clementino. **Parcours de vie, apprentissage biographique et formation**. Paris: Téraèdre, 2009. p. 49-62.

PASSEGGI, Maria da Conceição; NOVAES, Adelina. Núcleo central e narrativa: entre permanência e mudança das representações sociais do fazer docente. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; CUNHA, Jorge Luiz da; BÔAS, Lúcia Villas. (Org.). **Pesquisa (Auto)biográfica: diálogos epistêmico-metodológicos**. Curitiba: CRV, 2018. v. 1, p. 223-234.

SEIDMANN, Susana. Teoría de las representaciones sociales y el empleo de las narrativas en niños. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; FURLANETTO, Ecleide Cunico; PALMA, Rute Cristina Domingos da (Org.). **Pesquisa (auto) biográfica, infâncias, escola e diálogos intergeracionais**. Curitiba: CRV, 2016. v. 1, p. 235-246.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VIGOTSKI, Lev Semyonovich. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.